

ANÁLISE DOS INDICADORES DE BASE ECONÔMICA, ESPECIALIZAÇÃO PRODUTIVA E MULTIPLICADOR DE EMPREGO DA BAHIA EM RELAÇÃO AO NORDESTE BRASILEIRO

Analysis of the indicators of economic base, productive specialization and employment multiplier of Bahia in relation to the Northeast of Brazil

Adrielli Santos de Santana

Economista. Mestre em Economia Regional e Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (PERPP/UESC). adrielli_santana@outlook.com

Naisy Silva Soares

Economista. Doutora em Ciência Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professora do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). naisysilva@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo analisa as transformações nos indicadores de base econômica do estado da Bahia, frente à economia do Nordeste brasileiro e o comportamento do multiplicador de emprego das atividades básicas, nos anos de 1995, 2005 e 2015. Sob a luz da teoria da base econômica, esta pesquisa demonstra os efeitos dos setores motores na geração de empregos e no desenvolvimento regional. Como metodologia, utilizou-se a mensuração do quociente locacional (QL) e a estimação do multiplicador de emprego, utilizando dados correspondentes a 25 setores de atividades. Os resultados demonstraram que a Bahia diversificou sua base econômica ao longo dos anos, consequência, dentre outros fatores, das políticas de industrialização baiana.

Palavras-chave: Base Econômica; Emprego; Especialização Produtiva; Economia Regional.

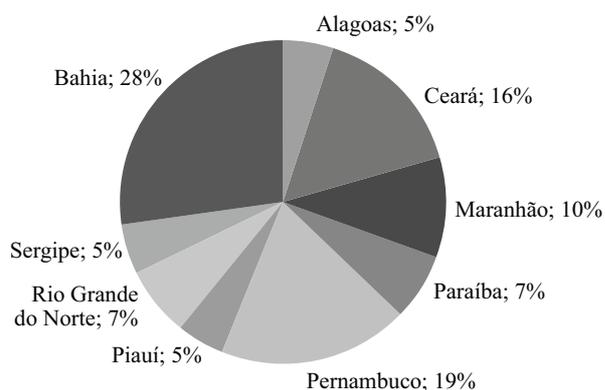
Abstract: This article analyzes the changes in the indicators of economic base of the state of Bahia, in front of the Brazilian Northeast economy and employment multiplier behavior of the basic activities in the years 1995, 2005 and 2015. In the light of the economic base theory, this research demonstrates the effects of engine sectors in job creation and regional development. As a methodology, the measurement of the locational quotient (QL) and the estimation of the employment multiplier were used, using data corresponding to 25 sectors of activities. The results showed that Bahia has diversified its economic base over the years, as a result, among other factors, the Bahia's industrialization policies.

Keywords: Economic Base; Employment; Productive Specialization; Regional Economy.

1 INTRODUÇÃO

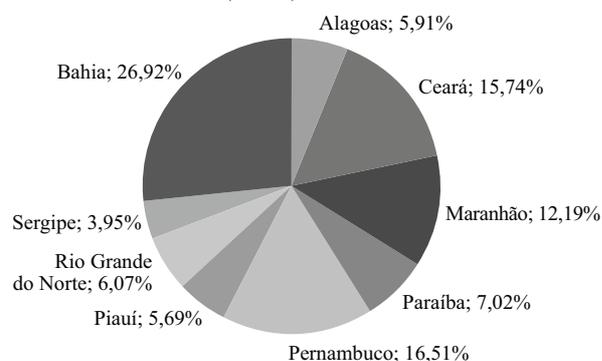
A Bahia, possuindo uma área de 564.732,642 Km², ocupa 6,63% do território nacional e 36,25% da Região Nordeste (IBGE, 2017b). Apresenta uma extensão territorial com características geográficas variadas, contribuindo para o desenvolvimento de atividades produtivas diversificadas. Levando em consideração os indicadores econômicos, no ano de 2014, a Bahia possuía um Produto Interno Bruto (PIB) de 223,93 bilhões de reais (R\$), equivalendo a 28% do PIB nordestino (Gráfico 1). A economia estadual, por grandes setores de atividades, é composta por 7,7% do setor agropecuário, enquanto, 20,7% e 71,6% do PIB corresponderam, respectivamente, ao setor industrial e de serviços. Em termos populacionais, o estado concentra, aproximadamente, 27% da população regional, distribuída entre as 417 unidades municipais (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Participação (%) dos estados na composição do Produto Interno Bruto da Região Nordeste (2014)



Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados do IBGE (2017a).

Gráfico 2 – Participação (%) dos estados na composição da população da Região Nordeste (2014)



Fonte: elaborado pelas autoras a partir de dados do IBGE (2017b).

A análise de indicadores demográficos, econômicos e, até sociais, isoladamente, não fornecem informações detalhadas sobre a estrutura produtiva e econômica do território analisado, no que se refere à capacidade de determinados setores de atividades impulsionarem encadeamentos na dinâmica econômica regional.

É dentro dessa perspectiva que estudos da estrutura da base econômica da Bahia se tornam um importante instrumento de planejamento econômico regional, pois permitem analisar o comportamento dos setores de atividades ao longo dos anos e identificar os que apresentam maiores efeitos encadeadores para a economia. Além disso, fornece importante informação para auxiliar a elaboração de políticas direcionadas aos setores específicos, visando maior eficiência na aplicação dos investimentos e no alcance dos seus resultados.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as transformações da base econômica do estado da Bahia, diante da economia do Nordeste, nos anos de 1995, 2005 e 2015, e verificar o efeito multiplicador das atividades básicas na geração de emprego.

A escolha da Região Nordeste, como o ambiente macro dessa análise, partiu da necessidade de se trabalhar as múltiplas escalas do território nacional, sendo esse um dos argumentos defendidos pelos estudos na linha de pesquisa da Economia Regional. Seguindo essa linha, a pesquisa consiste na aplicação de indicadores regionais para analisar o comportamento das atividades baianas ao longo do período de duas décadas, sustentando-se na hipótese de uma reconversão produtiva do estado, motivada pelas políticas de incentivos fiscais e de investimentos nos setores industriais.

Diante do exposto, este artigo encontra-se dividido em mais quatro seções, além desse texto introdutório. A segunda seção corresponde a uma revisão de literaturas sobre a Teoria da Base Econômica. A seção seguinte apresenta uma explicação dos procedimentos metodológicos realizados na pesquisa. A quarta seção centra-se nos resultados e discussões da análise da base econômica e do multiplicador de empregos da Bahia. E, por fim, a última seção, destina-se às principais conclusões obtidas através desse estudo.

2 TEORIA DA BASE ECONÔMICA

A consolidação da Economia Regional e Urbana por volta da segunda metade do século XX

ocorreu a partir do desenvolvimento de estudos voltados para dois eixos de pesquisa: o das teorias de localização¹ e das teorias do crescimento e desenvolvimento regional². Segundo North (1977), a linha de pesquisa da teoria da localização despertou grandes interesses entre os estudiosos nos Estados Unidos, porém, limitou-se a uma análise espacial e sistemática da localização das atividades produtivas, faltando-lhe subsídios para analisar o desenvolvimento regional, fazendo referência ao contexto econômico das regiões norte-americanas. Partindo da premissa de que determinadas atividades econômicas exerciam efeitos propulsores do crescimento urbano e regional, surgiram, nos Estados Unidos, os primeiros estudos abordando a base econômica local.

Os conceitos iniciais associados à Teoria da Base Econômica foram formulados por geógrafos que estudavam o “processo de desenvolvimento e ocupação das cidades de uma região” (OLIVEIRA; NÓBREGA; MEDEIROS, 2012, p. 52). De acordo com Souza (1997, apud KOHLER, 2009), os primeiros indícios dessa teoria foram identificados no estudo desenvolvido por Aurousseau, em 1921, quando observou-se a divisão do emprego em atividades primárias e secundárias, estabelecendo uma relação com o crescimento das cidades, sendo o primeiro destinado ao abastecimento local e o segundo à garantia do bem-estar dos trabalhadores.

Kohler (2003, apud KOHLER, 2009) descreveu a evolução dos principais conceitos e a contribuição de diversos autores para a construção da Teoria da Base Econômica, partindo de Aurousseau até os estudos empíricos de Bela Balassa, em 1978. Dentre os principais nomes mencionados pelo autor, ressaltam-se o de R. F. Kahn, responsável por elaborar a primeira formulação do multiplicador de emprego, em 1921, posteriormente aplicado por Bertil Ohlin e por John M. Keynes, nos anos de 1933 e 1936, respectivamente. Além de, Richard Hartshome, que desenvolveu o primeiro estudo empírico sobre a base econômica, e Homer Hoyt, que traçou os dois conceitos-chave dessa teoria: emprego básico e não básico, ambos no ano de 1936.

1 Originado a partir das Teorias Clássicas da Localização, tendo como pioneiras as obras de Von Thünen (1826), Weber (1909), Christaller (1933), Lösch (1940) e Isard (1956).

2 Originado através de estudos desenvolvidos na década de 1950, que visavam analisar o desenvolvimento econômico regional a partir de fatores de aglomeração produtiva. São os principais representantes desse eixo de análise: Perroux (1955), Myrdal (1957), Hirschman (1958) e North (1959).

Entretanto, o maior destaque vai para Douglass North, através da obra intitulada *Location Theory an Regional Economic Growth*, escrita em 1955, tida como o marco inicial da Teoria da Base Exportadora, comumente utilizada como sinônima da Teoria da Base Econômica. Entretanto, foi através do artigo *Agriculture in Regional Economic Growth*, escrito em 1959, que essa teoria se difundiu.

A teoria da base exportadora se apropria de dois conceitos fundamentais postulados na teoria da base econômica: atividades básicas e atividades não básicas (LIMA et al., 2013). Na base econômica, as atividades básicas são aquelas responsáveis pela produção de bens e serviços para o mercado externo (exportação), também denominadas de atividade não local (SCHICKLER, 1972; PIFFER, 2009). Por sua vez, as atividades não básicas, ao contrário da anterior, destina-se a atender as necessidades locais (SCHICKLER, 1972; PIFFER, 2009).

De acordo com Piffer (2009), a utilização desses conceitos possui múltiplas aplicabilidades, no que se refere ao objeto de análise, podendo ser essas regiões, setores da economia ou grupos de atividade. O autor justifica essa adaptação dos elementos conceituais e relembra os estudos desenvolvidos por Douglass North, afirmando que:

Apesar de os estudos clássicos de Douglass North se focarem na base econômica agrária, eles acompanham as mutações da estrutura produtiva da economia regional e do efeito das mudanças institucionais nas mudanças da estrutura produtiva, dentre elas, a mudança de uma acumulação urbano-rural para urbano-industrial (PIFFER, 2009, p. 11).

A Teoria da Base Econômica e de Exportação surge em confronto à ideia de que o desenvolvimento regional ocorre a partir de uma sequência de estágios, com início nas economias agrícolas de subsistência, passando pelo desenvolvimento do comércio e dos serviços, atingindo a especialização produtiva e o comércio inter-regional, seguida pela industrialização, e finalizado na especialização em atividades voltadas ao comércio exportador (LINS; LIMA; GATTO, 2012). Essas teorias buscam explicar as interações entre as regiões, considerando os fluxos monetários, “de mercadorias, de pessoas e de serviços”, e os efeitos dessas interações para a economia regional e global (PIFFER, 2009; MARTINS; LIMA; PIFFER, 2015; SILVA, 2004).

Todavia, diante das grandes semelhanças que abrangem essas duas teorias, é importante fazer

uma distinção entre a “base econômica” e a “base exportadora”. Dessa maneira, Souza (1980, p. 118) afirma “que enquanto o segundo termo só se refere às exportações, o primeiro engloba, além destas, as demais variáveis independentes que explicam parcialmente de maneira significativa o nível do produto local”. De forma mais clara, as demais variáveis, descritas pela autora, podem ser identificadas no trecho a seguir, onde afirma-se que:

A base econômica de uma região compreende as exportações regionais, os gastos do governo federal na área, os fluxos líquidos de capitais e quaisquer outras rendas que provoquem efeitos multiplicadores sobre as atividades de mercado interno. Na maioria dos casos, as exportações regionais constituem a parte mais significativa da base econômica de uma região e a que exerce maiores impactos no desenvolvimento regional (SOUZA, 1997, apud KOHLER, 2009, p. 54)

A distinção entre essas teorias foi enfatizada por Charles M. Tiebout, em 1956, responsável por formular a principal crítica à base exportadora de North, afirmando que não há indícios que comprovem que a variável exportação seja a única, ou a principal força motriz na determinação da renda da região (KOHLER 2003, apud KOHLER, 2009; LIMA et al., 2013). De acordo com Monasterio e Cavalcante (2011), para Tiebout, a Teoria da Base de Exportação desconsidera os efeitos da alocação dos fatores sobre o volume das exportações, além de não se enquadrar em uma teoria de desenvolvimento, mas sim, em uma “teoria de determinação da renda no curto prazo”, a partir das relações estabelecidas entre as atividades básicas, de exportação e a atividade total da região.

Souza (1980) salienta que uma região não pode ter sua economia unicamente centrada ao setor exportador, pois ela se torna dependente da dinâmica macroeconômica dos mercados interno e externo. Segundo a autora, a questão principal é identificar até que nível as atividades locais contribuem para desenvolvimento das atividades exportadoras, visto que as indústrias exportadoras necessitam de um conjunto de atividades e serviços de base para garantir sua sobrevivência e seu crescimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para cumprir com os objetivos dessa pesquisa, tem-se como primeira etapa do método de análise a mensuração do quociente locacional (QL), que iden-

tifica a participação do emprego em setores de atividades específicas de uma região, pesquisa dada pelo estado da Bahia em comparação à Região Nordeste do Brasil. O cálculo desse indicador sinaliza os ramos de atividade mais especializados no estado, sendo o resultado obtido através da seguinte equação:

$$QL = (E_{ij}/E_i) / (E_j/E) \quad (1)$$

onde: E_{ij} representa o número de empregos no setor i na Bahia; E_i representa o total de empregos no setor i no Nordeste; E_j equivale ao emprego total na Bahia; e E equivale ao emprego total no Nordeste.

A presença de especialização de um ramo de atividade é indicado por valores de QL maiores do que 1 ($QL > 1$). Neste caso, esses setores são identificados como atividades motoras, ou também denominadas de atividades de base econômica, ou exportadora (MARTINS; LIMA; PIFFER, 2015). Nos demais casos, ou seja, quando $QL = 1$, significa que a participação do setor no estado é igual à participação na região como um todo. E, quando $QL < 1$, o estado em análise não possui especialização no setor, portanto, ele é importador desses produtos.

A segunda etapa do método de análise é calcular o nível de emprego básico das atividades de base econômica e o emprego não básico na região. O emprego básico da atividade produtiva da região (Eb) é representado pela seguinte formulação:

$$Eb = E_{ij} - E_i * (E_j/E) \quad (2)$$

O emprego não básico (Enb) é encontrado pela diferença entre o emprego total da região j menos o emprego básico (Eb). Logo, o emprego total (Et) de uma região equivale ao somatório do emprego básico e o não básico, conforme ilustrado na equação a seguir:

$$Et = Eb + Enb \quad (3)$$

Para analisar a capacidade de geração de emprego da Bahia, estimou-se o multiplicador do emprego, a partir da razão entre emprego não básico e o emprego total:

$$\alpha = Enb / Et \quad (4)$$

$$Enb = \alpha Et \quad (5)$$

Substituindo na equação (5) a equação (3), obtemos as seguintes fórmulas:

$$Et = Eb + \alpha Et \quad (6)$$

$$Eb = (1 - \alpha)Et \quad (7)$$

$$Et = \frac{1}{(1 - \alpha)} Eb \quad (8)$$

A interpretação do multiplicador de emprego, $\frac{1}{(1 - \alpha)}$, demonstra quantos empregos seriam gerados nas atividades consideradas não básicas, a partir da criação de uma unidade de emprego nas atividades básicas. Portanto, quanto maior for esse multiplicador, maior será a influência das atividades básicas para o desenvolvimento da região, diante da capacidade de geração de empregos. Nessa pesquisa, o multiplicador de emprego foi mensurado para os anos de 1995, 2005 e 2015, visando demonstrar as mudanças nas atividades básicas baianas e, conseqüentemente, as mudanças no multiplicador de emprego ao longo dos anos.

Os dados utilizados são referentes à população ocupada por ramos de atividades, disponibilizados pela base de dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Os ramos de atividade correspondem à desagregação, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dos setores e subsetores de atividades econômicas.

Para a análise locacional, os 8 (oito) setores produtivos utilizados foram: extrativa mineral; indústria de transformação; serviços industriais de utilidade pública; construção civil; comércio; serviços; administração pública; e agropecuária, extração vegetal, caça e pesca.

Para a construção e interpretação da base econômica baiana, utilizou-se os seguintes subsetores de atividade econômica: extrativa mineral; indústria de produtos minerais não metálicos; indústria metalúrgica; indústria mecânica; material elétrico e de comunicações; material de transporte; madeira e mobiliário; indústria do papel e gráfica; indústria da borracha, fumo, couros, peles e similares; indústria química; indústria têxtil; indústria de calçados; alimentos e bebidas; serviços industriais de utilidade pública; construção civil; comércio varejista; comércio atacadista; instituições financeiras; administração técnica profissional; transportes e comunicações; serviços de alojamento e comunicação; serviços médicos, odontológicos e veterinários; ensino; administração pública; agricultura,

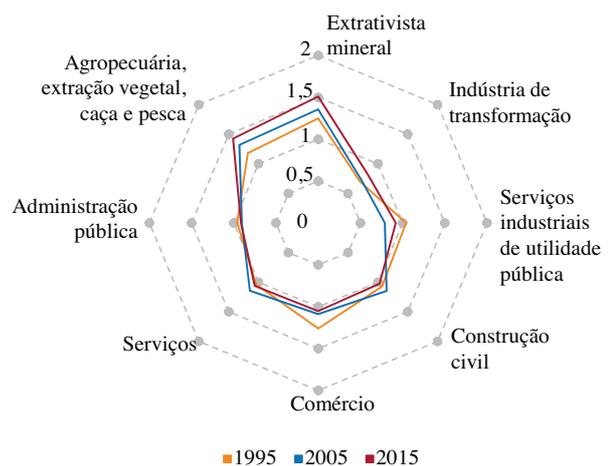
silvicultura, criação de animais, extrativismo vegetal. O total foi de 25 subsetores.

4 RESULTADOS

4.1 Especialização produtiva da Bahia em relação ao Nordeste brasileiro

Inicialmente, vale destacar os resultados encontrados com a mensuração do quociente locacional para os setores de atividade econômica da Bahia, com o intuito de demonstrar a especialização produtiva do estado em relação ao Nordeste brasileiro. O Gráfico 3 ilustra os índices obtidos para o quociente locacional nos anos de 1995, 2005 e 2015, representando as variações ocorridas nos setores dentro desse período de análise.

Gráfico 3 – Quociente locacional dos setores de atividade da Bahia, 1995, 2005 e 2015



Fonte: elaborado pelas autoras.

Nota-se que, em todos os anos analisados, o setor extrativo mineral e de agropecuária, extração vegetal, caça e pesca apresentaram elevados níveis de , além disso, o comportamento do indicador foi crescente ao longo dos anos, evidenciando a especialização produtiva da Bahia nas atividades ligadas a esses setores. A presença de especialização, também, foi identificada nos setores de comércio, de serviços e da construção civil. Entretanto, o setor de comércio decresceu seu índice de 1,26, em 1995, para 1,05, em 2015, enquanto os setores de serviços e de construção civil tiveram os maiores 's registrados no ano de 2005, ambos equivalentes a 1,15.

A análise aponta ainda para os setores que não apresentaram especialização produtiva, são eles: indústria de transformação, administração pública e

serviços industriais de utilidade pública, ressalta-se que esse último apresentou especialização somente no ano de 1995, cujo foi igual a 1,04, nas demais análises os valores foram inferiores a 1 (um).

Os resultados apresentados apontam para o estado da Bahia como uma região economicamente dinâmica diante da especialização em atividades diversificadas. Todavia, a literatura, apesar de evidenciar a eficácia desse indicador, também, apresenta algumas considerações sobre as formas de interpretá-lo. Dentre elas, Crocco et al. (2006, p. 220) afirma que, em decorrências das grandes disparidades regionais, “é de se esperar que um número enorme de setores em diferentes cidades vai apresentar acima de 1, sem que isso signifique a existência de especialização produtiva, mas, sim, de diferenciação produtiva”. Além disso, uma vez utilizada a classificação de atividades econômicas por setores, a mais abrangente, o detalhamento dos ramos de atividade representativos para a economia local/regional fica comprometido, em decorrência desse agrupamento que mescla os efeitos das partes no todo.

Desse modo, faz-se necessário analisar a especialização produtiva nos subsetores de atividades econômicas. A análise exposta na subseção a seguir mensura o para os 25 subsetores, como condição para a identificação das atividades de base econômica, auxiliando no cálculo do multiplicador de emprego da Bahia.

4.2 Dinâmica da base econômica da Bahia em 1995, 2005 e 2015

Conforme esperado, a base econômica baiana sofreu algumas transformações ao longo dos anos. Essas mudanças, em sua maioria, estão associadas a uma reconversão produtiva, também vivenciada em outras regiões brasileiras, caracterizada pelo desenvolvimento urbano e industrial, concomitantemente, o fortalecimento de atividades de suporte, a exemplo do comércio e serviços.

Na Tabela 1 estão os resultados referentes à base econômica baiana para o ano de 1995.

Tabela 1 – Base econômica da Bahia em relação a Região Nordeste (1995)

Ramos de atividade	Bahia	Nordeste	QL	Base do multiplicador de emprego	
01-Extrativa Mineral	6.338	20.473	1,25	1281,52	1281,52
02-Prod. Mineral não Metálico	6.368	29.357	0,88	-882,68	-
03-Indústria Metalúrgica	6.612	24.493	1,09	562,65	562,65
04-Indústria Mecânica	1.046	5.501	0,77	-312,65	-
05-Elétrico e Comunicação	780	8.361	0,38	-1285,02	-
06-Material de Transporte	534	4.344	0,50	-538,89	-
07-Madeira e Mobiliário	4.622	19.637	0,95	-228,00	-
08-Papel e Gráfica	6.798	23.611	1,17	966,48	966,48
09-Borracha, Fumo, Couros	4.853	15.487	1,27	1027,97	1027,97
10-Indústria Química	17.650	40.400	1,77	7671,89	7671,89
11-Indústria Têxtil	10.301	93.073	0,45	-12686,45	-
12-Indústria Calçados	229	14.477	0,06	-3346,57	-
13-Alimentos e Bebidas	32.546	252.176	0,52	-29737,18	-
14-Serviço Utilidade Pública	18.748	73.272	1,04	651,06	651,06
15-Construção Civil	42.736	162.469	1,07	2608,92	2608,92
16-Comércio Varejista	120.994	383.948	1,28	26165,38	26165,38
17-Comércio Atacadista	23.640	80.748	1,19	3696,62	3696,62
18-Instituição Financeira	25.635	80.911	1,28	5651,36	5651,36
19-Adm Técnica Profissional	69.771	222.748	1,27	14756,03	14756,03
20-Transporte e Comunicações	55.613	191.494	1,18	8317,24	8317,24
21-Aloj Comunicações	57.169	216.189	1,07	3774,00	3774,00
22-Médicos Odontológicos Vet	40.995	154.061	1,08	2944,55	2944,55
23-Ensino	24.612	201.237	0,50	-25090,11	-
24-Administração Pública	307.235	1.297.601	0,96	-13250,37	-
25-Agricultura	48.952	168.715	1,17	7282,27	7282,27
Total das atividades	934.777	3.784.783	1,00	Emp. Básico	87.357,94
				Emp. Não Básico	847.419,06
				Multiplicador de emprego	10,70

Fonte: elaborada pelas autoras com base nos dados da RAIS (2017).

A estimação do QL permitiu identificar os ramos de atividades importantes na economia baiana, denominados como atividade básica, portanto, foram incluídos no cálculo do multiplicador por apresentar QL igual ou superior a 1, são eles: a indústria química; instituições financeiras; comércio varejista; borracha, fumo, couros; administração técnica profissional; extração mineral; comércio atacadista; transporte e comunicações; agricultura; papel e gráfica; indústria metalúrgica; médicos; alojamento e comunicações; construção civil; e serviços de utilidade pública.

Dentro do ramo de atividade agrícola é relevante lembrar que, durante as primeiras décadas do século XX, a cacauicultura foi responsável por destacar a Bahia, nacionalmente, como o maior produtor e exportador de amêndoas de cacau, sendo o estado o único produtor situado na Região Nordeste. A economia cacauera, fortemente localizada na região Sul do estado, mais precisamente nos municípios de Ilhéus e Itabuna, gerou riquezas para a região, porém sofreu várias crises, sendo a maior delas causada pela doença da vassoura-de-bruxa³. Não somente o cacau, como também outras culturas agrícolas tiveram destaque na Bahia, salienta-se, no entanto, que as atividades primárias geram efeitos encadeadores, para frente e para trás, o que contribui para elevar o multiplicador de emprego.

Conforme visualizado na Tabela 1, em 1995, a Bahia possuía, aproximadamente, 24,70% da população economicamente ativa (PEA) da Região Nordeste. Foram encontrados no estado um volume de 87.357 empregos básicos, sendo, desse

montante, 29,95% relacionados ao ramo de comércio varejista. Por outro lado, foram identificados 847.419 empregos tidos como não básicos, que resultaram no multiplicador de 10,70. A interpretação dada ao multiplicador de emprego é a de que a cada emprego básico gerado na economia baiana surgem 10 empregos não básicos.

Para o ano de 2005, foram considerados os 16 ramos de atividades que obtiveram valores de $QL > 1$, dentre os quais destacam-se como atividades base da economia baiana a indústria de material de transporte, a indústria mecânica, extração mineral, indústria química, agricultura, administração técnica profissional, indústria de borracha, fumo, couros e similares; transporte e comunicações e médicos (Tabela 2). O crescimento dessas atividades está diretamente relacionado às políticas públicas de desenvolvimento e industrialização baiana, iniciadas na década de 1990, que, dentre os principais pontos, destacam-se a atração de investimentos, a diversificação e a descentralização da indústria, anteriormente localizada na Região Metropolitana de Salvador (RMS). De acordo com Pessoti e Sampaio (2009, p. 39), “no período entre 1999 e 2005 foram investidos aproximadamente R\$30,7 bilhões no setor industrial resultando em cerca de 135 mil empregos diretos”. Considerando os setores que obtiveram maiores investimentos, destacam-se os complexos químico e petroquímico, a indústria de transformação plástica e petroquímica e a extração mineral e beneficiamento (LIMA; SILVA, 2005, apud PESSOTI; SAMPAIO, 2009).

Tabela 2 – Base econômica da Bahia em relação à Região Nordeste (2005)

Ramos de atividade	Bahia	Nordeste	QL	Base do multiplicador de emprego	
01-Extrativa Mineral	8.875	23.764	1,36	2341,42	2341,42
02-Prod. Mineral não Metálico	11.925	51.746	0,84	-2301,83	-
03-Indústria Metalúrgica	8.804	33.925	0,94	-523,20	-
04-Indústria Mecânica	5.190	13.788	1,37	1399,18	1399,18
05-Elétrico e Comunicação	3.309	10.856	1,11	324,30	324,30
06-Material de Transporte	7.081	13.281	1,94	3429,58	3429,58
07-Madeira e Mobiliário	6.685	24.809	0,98	-135,89	-
08-Papel e Gráfica	7.107	29.753	0,87	-1073,17	-
09-Borracha, Fumo, Couros	8.182	23.899	1,25	1611,31	1611,31
10-Indústria Química	22.425	60.822	1,34	5702,85	5702,85
11-Indústria Têxtil	16.407	132.659	0,45	-20065,72	-
12-Indústria Calçados	22.973	81.597	1,02	539,05	539,05
13-Alimentos e Bebidas	34.820	300.006	0,42	-47662,42	-
14-Serviço Utilidade Pública	14.490	66.796	0,79	-3874,62	-
15-Construção Civil	73.517	233.401	1,15	9346,68	9346,68
16-Comércio Varejista	229.354	768.210	1,09	18145,48	18145,48

3 Nome popular da doença que atinge o fruto do cacauero causada pelo fungo *Moniliophthora Perniciosa*.

Ramos de atividade	Bahia	Nordeste	QL	Base do multiplicador de emprego	
17-Comércio Atacadista	40.406	132.662	1,11	3932,45	3932,45
18-Instituição Financeira	19.693	71.028	1,01	164,85	164,85
19-Adm Técnica Profissional	159.468	454.164	1,28	34602,01	34602,01
20-Transporte e Comunicações	72.073	211.780	1,24	13847,07	13847,07
21-Aloj Comunicações	126.335	448.767	1,02	2952,83	2952,83
22-Médicos Odontológicos Vet	58.797	173.158	1,24	11189,65	11189,65
23-Ensino	50.702	188.115	0,98	-1017,57	-
24-Administração Pública	504.003	2.027.148	0,90	-53332,79	-
25-Agricultura	84.369	232456	1,32	20458,50	20458,50
Total das atividades	1.596.990	5.808.590	1,00	Emp. Básico	129.987,21
				Emp. Não Básico	1.467.002,79
				Multiplicador de emprego	12,29

Fonte: elaborada pelas autoras com base nos dados da RAIS (2017).

Os ramos de atividades do comércio varejista e da administração pública, juntos, correspondem a, aproximadamente, 45,92% da população ocupada no estado, e apresentaram uma taxa de crescimento de 89,56% e 64,05%, respectivamente, em relação ao nível de emprego observado no ano de 1995. Os ramos de atividades que mais cresceram nesse período, considerando o número de empregos, foram a indústria de calçados (9.932%), material de transporte (1.226%), indústria mecânica (396%), elétrico e comunicações (324%), administração técnica profissional (129%), alojamento e comunicações (121%) e ensino (106%). Além disso, os serviços de utilidade pública e de instituições financeiras decresceram em 23% cada.

De modo geral, a PEA baiana, em 2005, cresceu 70,84%, em relação ao ano de 1995, enquanto a PEA da Região Nordeste cresceu 53,47% no mesmo período. Em termos de participação, não ocorreu mudança significativa, comparando com a análise realizada anteriormente, mantendo o nível de 27,49%. A base do multiplicador permitiu identificar 129.987 empregos básicos e 1.467.002 empregos não básicos, obtendo um multiplicador de emprego de 12,29, ou seja a cada emprego básico, aproximadamente, 12 empregos não básicos foram gerados.

A base econômica baiana, em 2015, ilustrada na Tabela 3, apresentou poucas variações em comparação às análises dos anos anteriores, totalizando 16 (dezesseis) setores motores: o de borracha, fumo e couros (1,52); extração mineral (1,51); agropecuária (1,43); material de transporte (1,34); transporte e comunicação (1,25); indústria mecânica (1,20); papel e gráfica (1,11); indústria química (1,08); médicos; comércio varejista; e indústria metalúrgica (1,07); instituições financeiras (1,06); alojamento e comunicações; e a construção civil (1,03) e madeira e mobiliário (1,01).

Em comparação ao ano de 2005, a PEA baiana em 2015 foi 57,23 vezes superior. Os ramos de atividade que registraram maiores crescimentos foram o setor de transportes e comunicação, o comércio varejista, alojamento e comunicações, administração técnica profissional, médicos e a agropecuária. Em termos absolutos, o setor de administração pública foi o que apresentou maior nível de pessoas ocupadas, ou seja, 597.020, equivalendo a 25,82% da PEA estadual e a 23,76% da PEA desse setor no Nordeste, o que sinaliza os efeitos de atividades públicas no cenário regional.

Tabela 3 – Base econômica da Bahia em relação à Região Nordeste (2015)

Ramos de atividade	Bahia	Nordeste	QL	Base do multiplicador de emprego	
01-Extrativa Mineral	16.102	41.002	1,51	5447,97	5447,97
02-Prod. Mineral não Metálico	20.080	90.165	0,86	-3348,63	-
03-Indústria Metalúrgica	16.050	57.791	1,07	1033,49	1033,49
04-Indústria Mecânica	9.443	30.212	1,20	1592,66	1592,66
05-Elétrico e Comunicação	3.096	13.902	0,86	-516,32	-
06-Material de Transporte	10.797	31.059	1,34	2726,58	2726,58
07-Madeira e Mobiliário	9.364	35.703	1,01	86,87	86,87
08-Papel e Gráfica	11.904	41.432	1,11	1138,24	1138,24
09-Borracha, Fumo, Couros	12.386	31.367	1,52	4235,54	4235,54
10-Indústria Química	28.900	102.864	1,08	2171,64	2171,64
11-Indústria Têxtil	19.686	158.709	0,48	-21553,22	-

Ramos de atividade	Bahia	Nordeste	QL	Base do multiplicador de emprego	
12-Indústria Calçados	24.768	101.200	0,94	-1527,98	-
13-Alimentos e Bebidas	53.981	333.004	0,62	-32547,33	-
14-Serviço Utilidade Pública	21.213	88.864	0,92	-1877,57	-
15-Construção Civil	133.481	500.514	1,03	3426,58	3426,58
16-Comércio Varejista	389.377	1.400.385	1,07	25498,55	25498,55
17-Comércio Atacadista	68.279	273.094	0,96	-2682,22	-
18-Instituição Financeira	27.942	101.097	1,06	1672,78	1672,78
19-Adm Técnica Profissional	261.437	943.910	1,07	16169,80	16169,80
20-Transporte e Comunicações	118.409	363.132	1,25	24052,15	24052,15
21-Aloj Comunicações	182.378	680.015	1,03	5681,73	5681,73
22-Médicos Odontológicos Vet	92.613	332.571	1,07	6197,18	6197,18
23-Ensino	93.918	392.708	0,92	-8123,92	-
24-Administração Pública	597.020	2.512.276	0,91	-55774,13	-
25-Agricultura	89.780	242.303	1,43	26819,57	26819,57
Total das atividades	2.312.404	8.899.279	1,00	Emp. Básico	127.951,33
				Emp. Não Básico	2.184.452,67
				Multiplicador de emprego	18,07

Fonte: elaborada pelas autoras com base nos dados da RAIS (2017).

Para o ano de 2015, a base do multiplicador considerou 127.951 empregos básicos e 2.184.452 empregos não básicos, resultando no multiplicador de emprego de 18,07, ou seja 18 empregos não básicos foram gerados a cada novo emprego básico adicionado à estrutura produtiva do estado.

4.3 Relevância da Bahia do desenvolvimento regional

Nesta subseção do trabalho, é apresentada uma análise comparativa entre a Bahia e os demais estados que compõem a Região Nordeste. Tendo em vista que a apresentação isolada dos indicadores baianos, por mais significativos que sejam, não retratam, fielmente, a relevância desse estado no contexto regional. Diante disso, decidiu-se calcular o multiplicador de emprego

para os estados restantes, valendo-se dos dados de emprego de 1995, 2005 e 2015. O foi obtido para todos os subsetores de atividades econômicas, seguindo os procedimentos discutidos na subseção anterior. Com o intuito de retratar, somente, a representatividade baiana no contexto nordestino, as tabelas foram sintetizadas de forma a demonstrar apenas o resultado final do multiplicador de emprego de cada estado. As interpretações e discussões estão contidas na redação que os acompanham.

Primeiramente, faz-se necessário dimensionar a participação dos empregos na Bahia em relação aos demais estados do Nordeste. A Tabela 4 representa a distribuição dos empregos, nos três anos abrangidos por esse trabalho, salientando-se que, apenas, são considerados os registros de empregos formais, disponibilizados pela RAIS.

Tabela 4 – Distribuição (%) dos empregos formais entre os estados nordestinos, 1995, 2005, 2015

Ano	Bahia	Alagoas	Ceará	Maranhão	Paraíba	Pernambuco	Piauí	Rio Grande do Norte	Sergipe
1995	24,70	7,16	15,50	6,39	8,02	21,40	4,74	7,46	4,64
2005	27,49	6,32	15,84	6,89	7,25	18,86	4,81	7,76	4,78
2015	25,98	5,72	17,34	8,12	7,50	18,77	5,18	6,84	4,55

Fonte: elaborada pelas autoras com base nos dados da RAIS (2017).

A região Nordeste é responsável por 18,52% da PEA do país (RAIS, 2017). Regionalmente, nas três observações, a Bahia apresentou maior percentual de empregos, aproximadamente 24,70%, em 1995, 27,49%, em 2005, e 25,98%, em 2015. Logo em seguida, aparece o estado de Pernambuco, que perdeu relativa participação entre as duas décadas, passando de 21,40% para 18,77%. O Ce-

ará está na terceira posição, com uma média de 16,22%. Entre os estados, a menor participação, correspondente a 4,55% para o ano de 2015, foi verificada em Sergipe, nos demais anos não houve grandes discrepâncias nos valores, mantendo a média de 4,65%.

O quociente locacional mostrou que determinados estados apresentam especialização produ-

va em setores específicos. Em todos os casos, mais de um setor de atividade obtiveram superior a 1, entretanto, em alguns setores, os valores do atingiram uma faixa entre 1,8 a 4,9, considerados como elevados por esta pesquisa.

Enquanto a Bahia sinalizou uma diversificação na sua base produtiva, o Ceará, Alagoas e Rio Grande do Norte se mostraram fortemente especializados nos setores da indústria de calçados e têxtil, de alimentos e bebidas, e da extração mineral, respectivamente. Até o ano de 2005, o Maranhão destacava-se no setor de madeira e mobiliários, entretanto o decresceu na análise seguinte. De forma semelhante, Pernambuco era especializado no setor de elétrico e comunicações, passando posteriormente para o setor de materiais de transporte. Já os estados da Paraíba e Piauí apresentaram maiores no ano de 1995, o primeiro no setor da indústria de calçados com um índice de 4,89, e o segundo no setor de extração mineral com 2,13. Sergipe por sua vez, obteve um de 4,07

no setor elétrico e comunicações, no ano de 2015, indicando uma especialização local nessa atividade.

O multiplicador de emprego denota a capacidade dos empregos básicos impulsionarem a criação de empregos não básicos para a economia. Esse indicador foi mensurado para todos os estados nordestinos, conforme demonstrado na Tabela 5. Foram verificadas as alterações no multiplicador entre os anos. Essas mudanças estão associadas, entre outros fatores, ao aumento do emprego total, consequentemente, ao aumento do volume de empregos básicos e não básicos. Sabe-se que entre os anos de 1995 e 2015, o emprego total da região Nordeste cresceu, aproximadamente, 135,13%. Por se tratar de um longo período de tempo, essa dinâmica pode ser explicada por um conjunto de condicionantes que envolvem o crescimento populacional, a formalização do trabalho devido às mudanças na legislação trabalhista, o cenário macroeconômico, ora benéfico aos investimentos empresariais, na forma de ampliação da mão de obra, dentre outros.

Tabela 5 – Multiplicador de emprego dos estados nordestinos, 1995, 2005, 2015

Ano	Bahia	Alagoas	Ceará	Maranhão	Paraíba	Pernambuco	Piauí	Rio Grande do Norte	Sergipe
1995	10,70	5,47	6,68	6,71	6,58	7,65	4,77	6,10	6,26
2005	12,29	5,76	9,87	7,83	7,03	12,76	6,41	12,42	12,27
2015	18,07	7,98	14,14	7,71	7,78	13,48	10,16	15,84	15,58

Fonte: elaborada pelas autoras.

Verificou-se que os estados elevaram, significativamente, seus multiplicadores de emprego ao longo das décadas, com exceção do Maranhão e da Paraíba, que mantiveram o nível de 7 empregos não básicos para cada emprego básico criando, entre os anos de 2005 e 2015. A Bahia, novamente apresenta resultados favoráveis em comparação aos demais estados do Nordeste. Entretanto, o índice de variação do multiplicador entre os anos de 1995 e 2015, foi mais elevado nos estados do Rio Grande do Norte (1,60) e Sergipe (1,49), enquanto a Bahia variou em 0,69. A análise da Tabela 5 permite ainda visualizar que, no ano de 2005, os multiplicadores da Bahia, do Rio Grande do Norte, Sergipe e de Pernambuco se aproximam, e resultam em igual interpretação, ou seja, 12 empregos não básicos foram gerados a cada novo emprego básico adicionado à estrutura produtiva desses estados.

Aplicando a média aritmética entre os estados para cada ano analisado, pode-se inferir que o multiplicador de empregos médio na região Nordeste foi

de 6,77 para o ano de 1995, 9,3 em 2005, e por fim, de 12,30 em 2015. Entretanto, a pesquisa de Martins, Lima e Piffer (2015), mensurou o multiplicador de emprego para as regiões brasileiras, onde o Nordeste, apresentou um multiplicador de 8,38, ou, 8 empregos não básicos para um emprego básico gerado na região, em 2012. Conforme esperado, a Bahia apresentou valores superiores ao multiplicador regional, juntamente com os estados do Rio Grande do Norte, Sergipe, Ceará, Pernambuco e Piauí, utilizando como critério de comparação o ano de 2015.

Em síntese, no que se refere aos multiplicadores de emprego, notou-se que a Bahia destaca-se em seus resultados, entretanto, os demais estados, também, apresentaram representatividade no contexto regional, o que possibilita afirmar, de acordo com as conclusões de Martins, Lima e Piffer (2015, p. 219) para as regiões brasileiras, que “há dinamismo na geração de empregos não básicos” na região Nordeste.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo cumpre com seu objetivo principal de observar as mudanças nas atividades de base econômica do estado da Bahia, utilizando a Região Nordeste como o ambiente macro de análise. A aplicação de métodos quantitativos de economia regional, mais especificadamente do quociente locacional, e sustentando-se na Teoria da Base Econômica, foi possível mensurar e interpretar o nível dessas transformações, retratadas, sobretudo, através da presença de especialização produtiva, do volume de empregos básicos e não básicos, e o do multiplicador de emprego.

Os resultados evidenciaram a dinâmica econômica-produtiva do estado da Bahia, diante da diversidade de atividades de base, e com relevância, significativa, para a região Nordeste. Observou-se uma diversificação das atividades de base econômica, através da introdução de atividades associadas ao processo de industrialização da economia baiana, a exemplo dos ramos de extração mineral, da indústria de borracha, fumo, couros e similares, da indústria mecânica e da metalúrgica, como também por meio das atividades de transporte e comunicação, instituições financeiras e médicos. Os efeitos dessa diversificação elevou o emprego básico de 87.357, em 1995, para 127.951, em 2015. Enquanto isso, o emprego não básico passou de 847.419 para 2.184.452, entre esses anos. Nas três análises realizadas, o ramo da administração pública e do comércio varejista foram considerados os que mais empregaram dentro da economia baiana, porém, dentre eles, somente o ramo de comércio varejista apresentou resultados favoráveis à especialização produtiva.

Considerando os resultados dos multiplicadores de emprego, ao longo de duas décadas este índice passou de 10,70 para 18,07. Isso demonstra que os empregos básicos dos ramos de atividade econômica identificados na pesquisa, possuem representatividade, em termos de geração de emprego não básico, para impulsionar o desenvolvimento econômico estadual, sendo este índice um mecanismo auxiliar às políticas direcionadas a setores-chaves da economia baiana e para a geração de empregos.

Como sugestão para pesquisas futuras, cita-se a necessidade de desenvolver mecanismos que englobem os efeitos das atividades informais sobre as bases econômicas regionais, uma vez que os da-

dos disponíveis utilizam apenas o volume de empregos formais registrados pela RAIS. Além disso, verificar as mudanças da conjuntura econômica local e nacional sobre o comportamento dos setores produtivos e da geração de empregos.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento concedido.

REFERÊNCIAS

- CROCCO, M. A.; GALINARI, r.; SANTOS, F.; LEMOS, M. B.; SIMÕES, R. Metodologia de identificação de aglomerações produtivas locais. *Nova econ.*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 211-241, ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 fev. 2017.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contas Regionais do Brasil - 2010 - 2014**, 2017a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2014/default_xls.sht>. Acesso em: 25 jan. 2017.
- _____. **Estados@**. 2017b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>>. Acesso em: 25 jan. 2017.
- KOHLER, R. **Gestión del desarrollo local: instrumentos para lectura de la realidad como subsidio a la planificación**. 2009. 231 f. Tesis (Doctor en Administración) – Universidad Nacional de Misiones, Posadas, Misiones (AR), 2009.
- KOHLER, R. **Simulações acerca da relação entre oferta de moeda e crescimento de pequenas economias abertas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, p. 45-48, 2003.
- LIMA, E. C.; LIMA, E. P. C.; EVAS, I. M.; TEIXEIRA, M. S. G. Teoria da base de exportação e sua relação com o desempe-

no econômico: o caso do estado de Santa Catarina. **Textos de Economia**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 95-116, jan./jun. 2013.

LINS, A. E.; LIMA, J. P.; GATTO, M. F. Uma aplicação da teoria da base exportadora ao caso nordestino. **Documentos Técnico-Científicos**, v. 43, n. 1, p. 9-32, jan./mar. 2012.

MARTINS, H. H.; LIMA, J. F.; PIFFER, M. Indicadores de base econômica: uma aplicação para as regiões brasileiras. **Caderno de Geografia**, v. 25, n. 43, p. 206-220, 2015.

MONASTERIO, L.; CAVALCANTE, L. R. Fundamentos do pensamento econômico regional. In.: CRUZ, B. O. et al. (Org.) **Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil**. Brasília: IPEA, p. 43-77, 2011.

NORTH, D. Teoria da localização e crescimento econômico regional In: SCHWARTZMANN, J. (Org.) **Economia regional e urbana: textos escolhidos**. Belo Horizonte: UFMG, p. 333-343, 1977.

OLIVEIRA, N. M.; NÓBREGA, A. M.; MEDEIROS, M. R. Desenvolvimento econômico e regional segundo a teoria da base de exportação. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína (TO), ano 1, n. 1, p. 51- 65, jul./dez. 2012.

PESSOTI, G. C.; SAMPAIO, M. G. V. Transformações na dinâmica da economia baiana: políticas de industrialização e expansão das relações comerciais internacionais. **Conjuntura & Planejamento**, Salvador, n. 162, p. 36-49, jan./mar. 2009.

PIFFER, M. **A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do Paraná no final do século XX**. 2009. 167 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

RAIS. **RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. Bases estatísticas RAIS e Caged**. 2017. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/inicial.php>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

SCHICKLER, S. **A teoria da base econômica regional**. Tese (Mestrado em Economia) – Escola de Pós-Graduação em Economia do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1972.

SILVA, J. A. S. **Turismo, crescimento e desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em cluster**. 2004. 480 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, N. J. Conceito e aplicação da teoria da base econômica. **Perspectiva Econômica**, UNISINOS. São Leopoldo, v. 10, n. 25, p. 117-130, mar., 1980.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento econômico**. 4.ed., São Paulo: Atlas, 1997.